

A música como forma de comunicação de Grupos Marginalizados: um estudo da Folkcomunicação¹

Eliane Maria Sousa FERREIRA²

Lucas Casemiro de SOUSA³

Maria Érica de Oliveira LIMA⁴

RESUMO

A Folkcomunicação pode ser definida como o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, ou seja, visa valorizar as produções populares. O objeto de estudo do presente trabalho é a música, aqui analisada como instrumento utilizado pelos grupos marginalizados na tentativa de fazer comunicação alternativa à mídia massiva ou, uma vez pertencendo a ela, consolidarem-se. Sendo assim, buscou-se representações de movimentos musicais que coubessem na definição de cada grupo trabalhado pelo artigo, para em seguida analisá-los, utilizando a pesquisa bibliográfica com uma análise folkcomunicação. Ao falar para uma audiência específica, gêneros musicais de grupos marginalizados utilizam a música para informar, criticar e, além de outras funções, legitimar ideias que têm do mundo e de si mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Música; Grupos Marginalizados.

ABSTRACT

Folkcommunication can be defined as the set of procedures for the exchange of information, ideas, opinions and attitudes of the urban and rural marginalized public, that is, it aims to value popular productions. The object of study of the present work is the music, analyzed here as an instrument used by the marginalized groups in the attempt to make alternative communication to the mass media or, once belonging to it, to consolidate themselves. Thus, we sought representations of musical movements that fit the definition of each group worked by the article, and then analyze them, using the bibliographical research with a folk-communication analysis. When speaking to a specific audience, musical genres of marginalized groups use music to inform, criticize, and, in addition to other functions, to legitimize ideas they have of the world and themselves.

KEYWORDS: Folkcommunication; Music; Groups Marginalized.

¹ Trabalho apresentado no GT 2: Morfologia da Folkcomunicação: Gêneros e Formatos da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Graduanda em Comunicação Social - Jornalismo pela UFC – Universidade Federal do Ceará. E-mails: elianeferreira10@gmail.com.

³ Graduando em Comunicação Social - Jornalismo pela UFC – Universidade Federal do Ceará. E-mails: lucascasemirodesousa@gmail.com.

⁴ Docente do curso de Comunicação Social – Jornalismo na UFC – Universidade Federal do Ceará. E-mail: merical@uol.com.br.

1. Introdução

A Folkcomunicação pode ser definida como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais” (BELTRÃO, 2014, p. 08).

Pode-se dizer que a Folkcomunicação é o tipo de comunicação em nível popular (BELTRÃO, 2014), ou seja, a audiência Folk significa o mesmo que uma audiência mais marginalizada (CORNIANI, 2005).

O termo Folkcomunicação foi criado pelo jornalista e primeiro doutor na área de comunicação, o professor Luiz Beltrão, com a tese: Folkcomunicação – um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias, em 1967.

O termo surgiu com a indagação de Beltrão sobre como a comunicação se propagava em um país como o nosso, com extensão territorial considerável e tanta desigualdade social. Ele passa a atentar ao folclore, às tradições e à cultura de cada região brasileira.

A transmissão da informação não se dá apenas através dos meios de comunicação tradicionais, ela também pode chegar à audiência através das histórias, das conversas informais, dos versos do poeta, das ruas e até mesmo através da música, a mensagem pode ser transmitida “... pelos martelos do cantador ambulante” (BELTRÃO, 2014, p. 12).

A música diz muito da cultura de um povo, revelando as formas pelas quais ele se comunica e quer ser ouvido pela sociedade. No caso da Folkcomunicação, trata-se da cultura das populações marginalizadas. É esse tema que o presente trabalho propõe-se a pensar - a Folkcomunicação e sua relação com os diversos movimentos musicais existentes no mundo.

Utilizando a pesquisa bibliográfica, que pode ser definida como o levantamento de bibliografias já publicadas, tanto em livros, como revistas e publicações em periódicos (MARCONI; LAKATOS, 2006) utilizando-se de uma análise folkcomunicação, tendo como objeto de estudo: a música.

Sendo assim, o trabalho que se segue tem como principal objetivo analisar algumas músicas de determinados grupos marginalizados, os grupos rurais, urbanos e os culturalmente à margem.

2. Conhecendo Os Grupos Marginalizados

Freud em seu ensaio *O mal-estar na Cultura*, fala que “... os meios que os animais humanos desenvolveram para tentar enfrentar esta vida marcada pelas frustrações, pelo mal-estar e pelo obrigatório sacrifício da libido e da agressão” (FREUD, 2013, p. 33) foram as artes. Sendo assim, o ser humano, através das artes, e aqui salientada a música, busca encontrar um alívio para suas frustrações diárias.

Portanto, observa-se que os grupos estudados pela Folkcomunicação visam mostrar como esses grupos marginalizados tentam encontrar no folclore e nas tradições no geral uma via de escape para seus problemas. Tentam buscar dentro da própria cultura o seu lugar de fala, deslocando o eixo de suas indagações para o debate social.

Beltrão (1980) citado por Corniani (2005) fala dos três tipos de grupos marginalizados estudados pela Folkcomunicação. São eles: Os Grupos Rurais Marginalizados, os Grupos Urbanos Marginalizados e os Grupos Culturalmente Marginalizados, que podem pertencer aos dois primeiros.

2.1. Os Grupos Rurais Marginalizados

Os grupos rurais marginalizados são formados por habitantes de áreas isoladas e que muitas vezes não têm acesso a energia elétrica, a vias de transporte eficientes e nem acesso aos meios de comunicação industrializados, como rádio, televisão, jornal ou internet.

Esses grupos geralmente são: subinformados, desassistidos ou vivem precariamente (BELTRÃO, 1980 *apud* CORNIANI, 2005).

2.2. Os Grupos Urbanos Marginalizados

Os grupos urbanos marginalizados são caracterizados pelo poder aquisitivo reduzido devido à baixa renda. Esse grupo é formado “por indivíduos que recebem pequenos salários, em empregos ou subempregos que não exigem mão-de-obra especializada, como construção civil, estiva, limpeza e conservação de edifícios,

oficinas de reparos, trabalhos domésticos, ofícios e atividades as mais modestas” (BELTRÃO, 1980, p. 55 *apud* CORNIANI, 2005 p. 5).

Atualmente, pode pertencer a esse grupo a população periférica dos grandes centros urbanos, geralmente esquecida pela sociedade em geral e pelas culturas de massa.

2.3. Os Grupos Culturalmente Marginalizados

“Estes grupos são considerados marginais por constituírem-se de indivíduos que contestam a cultura e a organização social estabelecida, adotando uma política ou filosofia contraposta à que está em vigência” (BELTRÃO, 1980, p. 55 *apud* CORNIANI, 2005 p. 6).

É possível que os Grupos Culturalmente Marginalizados estejam integrados à sociedade, apesar de não concordarem com ela. Em outros termos, eles contestam a cultura dominante, no caso, através da sua música.

Há ainda três subdivisões dentro desse grupo, a saber: grupo Messiânico, Político-Ativista e Erótico-Pornográfico.

O grupo messiânico é formado por seguidores de um líder carismático, cujas ideias religiosas “têm o poder de persuasão, de adulterações, exageros e interpretações personalizadas de dogmas e tradições consagradas por crenças ou denominações religiosas já existentes” (BELTRÃO, 1980 *apud* CORNIANI, 2005).

O grupo político-ativista é formado por indivíduos decididos em manter estruturas de dominação e opressão vigentes, manter o status quo, ou o contrário, esse grupo pode ir em busca de revolucionar a ordem política e social em que se fundamentam essas relações (BELTRÃO, 1980 *apud* CORNIANI, 2005). No caso estudado, o grupo político-ativista busca na música uma forma de impor suas diretrizes.

O grupo erótico-pornográfico “é composto de pessoas que não aceitam a moral e os costumes que a sociedade adota como sadios, “normais”, então esse grupo busca reformá-las em nome de uma liberdade que não conhece limites à satisfação dos desejos sexuais e práticas consideradas nocivas, imorais pela ética social vigente (BELTRÃO, 1980 *apud* CORNIANI, 2005).

3. A Música nos Grupos Marginalizados da Folkcomunicação

O objeto de estudo do presente trabalho é a música, aqui analisada como instrumento utilizado pelos grupos marginalizados na tentativa de fazer comunicação alternativa à mídia massiva ou, uma vez pertencendo a ela, consolidarem-se. Sendo assim, buscou-se representações de movimentos musicais que coubessem na definição de cada grupo marginalizado estudado pela Folkcomunicação.

3.1. O Repente Como Representante Dos Grupos Rurais Marginalizados

Os grupos rurais, formados pela parte da população que não tem acesso às benesses dos centros urbanos, como luz, televisão e internet, podem ser representados pela tradição do Repente.

O repente é uma tradição folclórica brasileira, ou seja, pertencente aos interesses da Folkcomunicação. É uma tradição que remete aos trovadores medievais. “Especialmente forte no nordeste brasileiro o repente é uma mescla entre poesia e música, na qual predomina o improviso, a criação de versos de repente” (SILVA; SILVA, 2011, p. 08).

O repentista de viola do nordeste faz a chamada cantoria, ato de cantar, a despeito poética, na qual desfila versos improvisados em inúmeras modalidades; sextilhas, setilhas, décimas, outavas, martelos, galopes, etc. O repente possui diversos modelos de métrica e rima, e seu canto costuma ser acompanhado de instrumentos musicais, mas na tradição nordestina o acompanhamento é realizado através de uma viola, denominando-se cantoria (SILVA; SILVA, 2011, p. 08).

Os repentes são cantados em dupla e acompanhado por uma rítmica de cordas de viola. O repentista tem de improvisar seu repente sobre um tema sugerido pelo povo que está a lhe escutar (SILVA; SILVA, 2011). Eles tratam de diversos temas, dentre eles os de cunho político-social que informa aos grupos marginalizados rurais sobre o que está acontecendo no restante do país e mundo.

O repente intitulado A Voz da Transposição, de Valdir Teles, exemplifica. O vídeo do repentista cantando pode ser encontrado na plataforma de vídeos YouTube (THADEU FILMANGENS, 2008).

O vídeo foi feito pela equipe do Clube do Binhas de São José do Egito, Pernambuco, em 2008. O repente trata do caso do bispo Luiz Cláudio Cappio, que fez

uma greve de fome contra a transposição do rio São Francisco. A greve iniciou no dia 27 de novembro de 2007 e durou 24 dias (G1, 2007).

Veja na íntegra a letra do repente:

*Senhor Bispo não vá se aborrecer
Colabore com nosso objetivo
Essa greve de fome sem motivo
Vem somente o sertão se entristecer.
O senhor tá querendo interromper
Nosso sonho de ter Transposição
Porque tem água boa, casa e pão
De sofrer como nós, não corre risco.
Abra as portas do rio São Francisco.
Mate a sede do povo do sertão.*

*Nós queremos apenas dois por cento
Desta água que o rio dá pra o mar
Pra beber, tomar banho e irrigar
Que o sertão está pobre de alimento.
Já cansei de olhar pra o firmamento
Esperando que a nuvem molhe o chão.
Não vou mais esperar pelo trovão
Nevoeiro, relâmpago e nem corisco.
Abra as portas do rio São Francisco.
Mate a sede do povo do sertão.*

*Deus é pai, protetor, puro e correto
Faça um sonho virar realidade
Pra o sertão ser completo de verdade
Que sem água o sertão não é completo
Quem é contra o sertão nesse projeto
Não tem nada de Deus no coração,
Como é que um pastor nega razão
As ovelhas famintas do aprisco.
Abra as portas do rio São Francisco.
Mate a sede do povo do sertão.*

*Presidente proteja o Ceará, Paraíba,
Rio Grande, Pernambuco,
Onde o pobre sedento está maluco
Trabalhando e vivendo ao Deus dará.
Quando a água do rio chegar lá
Nossa vida terá transformação
Por enquanto é promessa e oração
Aguardando do céu algum chuvisco.
Abra as portas do rio São Francisco.
Mate a sede do povo do sertão.*

*Um projeto que tem quinhentos anos
De irrigar o sertão com leite e mel,
Mas só tira o projeto de papel,
Quando a água do rio entrar nos canos.
Muita gente tá contra os nossos planos,
Mas o grupo do sim vence o do não,
Quem salvar nosso povo do verão
Vai ganhar do sertão o obelisco.
Abra as portas do rio São Francisco.
Mate a sede do povo do sertão.*

*Presidente esperando aqui em foco
Que o projeto dê vida para o povo
Que o sertão se transforme um Éden novo,
Com o líquido vital do Velho Chico.
Mas eu temo que vá pra mão do rico
E o pobre outra vez fique na mão,
Como foi sempre assim nesta nação,
A pobreza ainda está correndo risco.
Abra as portas do rio São Francisco.
Mate a sede do povo do sertão.*

“Abra as portas do rio São Francisco. Mate a sede do povo do sertão”. O refrão é um clamor ao bispo e todas as autoridades. Ele fica mais explícito nas estrofes 4 e 6, respectivamente: “Presidente, proteja o Ceará, Paraíba, Rio Grande, Pernambuco...” e “Presidente, esperando aqui em foco, que o projeto dê vida para o povo...”. Vê-se aí a crítica às autoridades responsáveis pelo projeto.

A letra do repente também critica as promessas políticas de acabar com a seca no Nordeste, como observa-se na estrofe 5: “Um projeto que tem quinhentos anos/ De

irrigar o sertão com leite e mel, mas só tira o projeto de papel, quando a água do rio entrar nos canos...”.

O repente também funciona como um estímulo à esperança da população, que pertence ao “grupo do sim” porque favorável à transposição. Na mesma estrofe: “Muita gente tá contra os nossos planos, mas o grupo do sim vence o do não...”

Quem concretizar a transposição será ovacionado ao ponto de merecer um monumento do Nordeste em homenagem ao ato. “Quem salvar nosso povo do verão vai ganhar do sertão o obelisco”.

Silva e Silva (2011) fala que o repente é a arma que o repentista tem para expressar sua sabedoria popular. É uma forma legítima de expressar seus anseios e preocupações e encontrar o seu lugar de fala diante das contradições do mundo e sociedade.

3.2. O Rap como representante dos Grupos Urbanos Marginalizados

O rap está diretamente ligado ao estilo musical *soul* e ao *funk*, tradições musicais muito difundidas nos Estados Unidos da América, que junta o ritmo da música e a poesia na letra (CORNIANI, 2002).

Os *griots*, como eram conhecidos, eram contadores de história que carregavam na memória toda a tradição das tribos africanas, que estavam aqui no Brasil, preservaram suas técnicas em versos passados de pai para filho. Ele se assemelha aos contadores medievais, que são conhecidos no Nordeste através dos repentistas (CORNIANI, 2002).

O Hip-Hop não custou a chegar ao Brasil. Em 1982, a juventude da periferia de São Paulo já dançava o Break e ouvia os primeiros Rap's. Isso porque desde os anos 70, na periferia das grandes cidades do país, eram comuns os “bailes black”, com muito Soul e Funk. O Rap apenas deu continuidade a essa trilha (CORNIANI, 2002, p. 10).

A marginalização da cultura do rap se deu pela sua origem e suas letras. Os rappers se utilizavam das batidas realizadas pelos *DJs* (disc-jóquei) para cantar suas canções com letras que falam das dificuldades que vivem suas comunidades (SILVA et al., 2013).

Os rappers também são chamados de artistas populares. Corniani (2002), em seu trabalho, ressalta que os cantadores de rap vivem na mesma situação social que seu público. Observa-se que mesmo quando os rappers alcançam reconhecimento, fama e ascendam de classe social, eles continuam a manter relações com suas origens.

Coisas Desse Tipo, do rapper Flávio Renegado, é um rap de 2014 nascido após a fala de Pimenta da Veiga (PSDB) durante sua campanha nas eleições para o governo de Minas Gerais. Em dado momento, o candidato disse que iria se encontrar com “setores específicos, representantes de movimentos de jovens, negros, índios, coisas desse tipo” (BRASIL247, 2014).

Jovens, negros, índios, todos...

Lembrei... coisas desse tipo.

Mulheres, gays, pobres, todos...

Coisas desse tipo.

Velhos, brancos, albinos, todos...

Coisas desse tipo.

Homens, héteros, ricos, todos...

Coisas desse tipo. (refrão)

Somos uma gigante massa de minorias.

*E ao entorno, do contorno, construímos
nossa vida.*

Aviso é urgente, ouvidos não são latrinas

Não somos coisas, somos o povo de Minas.

“O que será, que será que andam

conspirando nos gabinetes,

Que andam aspirando nos palacetes”.

Querem te escravizar.

(refrão)

Esse tipo de coisas a gente não aguenta

Coisas desse tipo não combinam com

pimenta

Liberdade, dignidade e respeito,

Sem justiça e sem igualdade nada feito

Ele quer me governar mas digo não tem

jeito

Ser rebelde, chapa, é meu defeito.

Se se revolta com esse disparate

*Chega junto no refrão tá na hora do
combate.*

Somos gente que não tem medo de trabalhar

E urgentemente, a gente, é feito pra brilhar.

Não deu valor e do povo fez pouco

*Então segura a onda, tá na hora do seu
troco.*

Chega de caô biquinho, se orienta

Pimenta sem sabor, não me representa.

Ditatorial esse seu blá, blá, blá...

Volta ao latim no seu tupiarauá.

Esse tipo de coisas a gente não aguenta

*Coisas desse tipo não combinam com
pimenta*

Liberdade, diversidade e respeito,

Sem justiça e sem igualdade nada feito

*Ele quer me governar mas digo não tem
jeito*

Ser rebelde, chapa, é meu defeito.

Se se revolta com esse disparate

*Chega junto no refrão tá na hora do
combate.*

(refrão)

“O Rap é compromisso de vida e de um futuro melhor, é a volta do povo pobre e oprimido, não só uma raça, mas negros, brancos, mestiços e todos povos que ajudaram nessa miscigenação louca que encontramos em terras brasileiras” (SANTOS et al., 2003, p. 14-15).

Isso é visto no rap acima. A canção foi criada como resposta a um candidato que desmereceu as minorias e reivindica o tratamento humanitário para com as minorias. “Não somos coisas, somos o povo de Minas”.

Há também a recusa de seguir uma norma, e uma rebeldia, resistência característica das músicas dos grupos marginalizados. Os versos onde se encontra essa fala são os seguintes: “Ele quer me governar, mas digo ‘não tem jeito’/ Ser rebelde, chapa, é meu defeito”. Outro verso que demonstra resistência no rap é: “Pimenta sem sabor, não me representa”.

Observa-se que o rap avaliado é máxima representação de comunicação popular. É provável que muitos presentes, embora pertencessem às minorias atingidas pelo discurso do candidato, passaram a refletir sobre sua fala somente após Flávio Renegado criticá-lo em seu rap, colocando o tema em debate público.

A difusão e sucesso da cultura do Hip Hop, e aqui se inclui o Rap, é dada pelo fato de as pessoas se sentirem representadas no movimento, “pois a cultura marginalizada relembra a toda e qualquer marginalização que os ouvintes sofreram durante suas vidas, conscientizando assim sobre real situação das comunidades discriminadas” (SILVA et al., 2013).

3.3. Grupos Culturalmente Marginalizados

3.3.1 A indústria Gospel como representante dos Grupos Messiânicos

A música é componente essencial do culto protestante e o gênero gospel cada vez mais avança no mercado fonográfico, que pode ser percebido na visibilidade midiática que artistas gospeis vêm tendo no mercado brasileiro.

Os cantores de música gospel encaixam-se nos grupos marginalizados quando objetivam fazer com que sua cultura, essencialmente contrária à da sociedade não-protestante atual, seja assimilada. A música Sabor de Mel, da cantora Damares, retrata a supervalorização da cultura cristã, de como é bom ser cristão.

*O agir de Deus é lindo
Na vida de quem é fiel
No começo tem provas amargas
Mas no fim tem o sabor do mel*

*Eu nunca vi um escolhido sem resposta
Porque em tudo Deus lhe mostra uma solução
Até nas cinzas ele clama e Deus atende
Lhe protege, lhe defende
Com as suas fortes mãos,*

*Você é um escolhido
E a tua história não acaba aqui
Você pode estar chorando agora
Mas amanhã você irá sorrir*

*Deus vai te levantar das cinzas e do pó
Deus vai cumprir tudo que tem te prometido
Você vai ver a mão de Deus te exaltar
Quem te ver há de falar
Ele é mesmo o escolhido*

*Vão dizer que você nasceu pra vencer
Que já sabiam porque você
Tinha mesmo cara de vencedor
E que se Deus quer agir
Ninguém pode impedir*

*Então você verá cumprir cada palavra
Que o Senhor falou
Quem te viu passar na prova
E não te ajudou
Quando ver você na benção
Vão se arrepender
Vai estar entre a plateia
E você no palco
Vai olhar e ver
Jesus brilhando em você*

*Quem sabe no teu pensamento
Você vai dizer
Meu Deus, como vale a pena
A gente ser fiel
Na verdade a minha prova
Tinha um gosto amargo
Mas minha vitória hoje
Tem sabor de mel*

A letra fala a um público específico, os cristãos. A música avaliada é um exemplo da promoção da fé. A palavra “escolhido” encontrada na letra visa mostrar que o participante tem algo de especial. E que se seguir a fé, a sua vitória será confirmada.

3.3.2 O Golpe de 64 e o Grupo Político-Ativista

Em 1964, o Brasil vivia o golpe civil-militar, que culminou em décadas de retrocesso, medo e angústia. Em todos os setores foi sentida a repressão do governo militar, não escapando a música dessa sorte. Porém, em meio a censuras, artistas encontravam maneiras de difundir sua mensagem.

A escolha de analisar músicas referentes à ditadura se justifica pela notória atuação e representação do grupo político-ativista na música brasileira durante o período. Foi o que fez Chico Buarque em sua música Roda Vida, cuja letra encontra-se abaixo.

*Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar*

*Mas eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração. (Refrão)*

*A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a roseira pra lá*

(Refrão)

*A roda da saia, a mulata
Não quer mais rodar, não senhor
Não posso fazer serenata
A roda de samba acabou
A gente toma a iniciativa*

*Viola na rua, a cantar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a viola pra lá*

(Refrão)

*O samba, a viola, a roseira
Um dia a fogueira queimou
Foi tudo ilusão passageira
Que a brisa primeira levou
No peito a saudade cativa
Faz força pro tempo parar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a saudade pra lá*

(Refrão)

Em “a gente estancou de repente”, a referência é ao golpe. Os versos “A gente quer ter voz ativa, no nosso destino mandar/ Mas eis que chega a roda viva e carrega o destino pra lá” fazem um apelo à liberdade. A expressão “roda viva” é direcionada aos militares e ao golpe, que tirou direitos de toda a população.

Na 5ª estrofe, Chico narra a época em que qualquer aglomeração era imediatamente dispersada, sendo banido o direito popular de reunião. Ele canta que não podia-se mais fazer serenata, fazer rodas de viola ou ficar, por exemplo, em uma praça com os amigos para cantar. A música é também sobre resistência, característica marcante nos grupos marginalizados.

3.3.3 O Grupo “Erótico-Pornográfico”

Entre os temas que o grupo erótico-pornográfico aborda, é aqui destacado o empoderamento social da mulher, salientando-se a contribuição desse grupo no combate à moral machista vigente na sociedade.

O gênero musical aqui trabalhado é o funk, que incentiva a libertação sexual feminina não raro valendo-se de conteúdo sexual explícito em suas letras. Teoria da Branca de Neve, de autoria da MC Mayara, é um exemplo de funk que atua no combate à ideia de que há mulheres destinadas ao casamento e outras à atividade sexual tão somente.



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

*Teoria da Branca de Neve
Por que só ter um, se eu posso ter sete?
Teoria da Branca de Neve
Por que só ter um, se eu posso ter sete?
Teoria da Branca de Neve
Por que só ter um, se eu posso ter sete?*

*De segunda a Domingo,
nem um deles se repete
Teoria da Branca de Neve
Por que só ter um, se eu posso ter sete?*

*Pode falar o que for,
princesinha ou piriguete
Sou Mc Mayara, a vida é minha
e não se mete*

*Na minha vida esse é o tema,
essa é minha manchete
Teoria da Branca de Neve
Por que só ter um, se eu posso ter sete?...*

Refrão

Como dito, a música evoca a emancipação sexual da mulher. Defende que a personagem, no caso a própria MC Mayara, é senhora de seu corpo e por isso tem a liberdade de escolher com quem ou quantos rapazes deseja se relacionar. Cumpre assinalar que o “eu” da música é na verdade coletivo, abrangendo tal condição de liberdade a todas as mulheres, se assim elas optarem.

No trecho “pode falar o que for, princesinha ou piriguete/ Sou Mc Mayara, a vida é minha e não se mete”, a defesa é a de que a vida particular de uma mulher só diz respeito a ela, não devendo esta atender a comentários moralistas, debaixo do argumento de que homens agem da mesma forma e não sofrem críticas ou até são elogiados por tal conduta.

O caráter de resistência que esse grupo apresenta ante a moral social estabelecida, que se traduz numa luta ideológica, é elemento comum a todas as músicas analisadas nos diferentes grupos. Eis a Folkcomunicação.

4. Conclusão

A música, além de cumprir o papel de entreter, é também instrumento cultural que contesta, direta ou indiretamente, as relações de poder vigentes na sociedade. Ela é reflexo das diversas culturas existentes, sendo por vezes marginalizada, assim como os grupos a que pertence, pela lógica capitalista que regula as relações de poder no mundo. Numa classificação referente ao campo econômico, o exemplo do funk pode ser analisado pela ótica das culturas elitistas-populares, sendo discriminado não simplesmente por seu conteúdo, mas tendo o preconceito como pano de fundo, uma vez que é amplamente difundido nas classes com os mais baixos níveis de escolaridade e renda e, conseqüentemente, com maior proporção de negros.

Hoje um dos gêneros brasileiros aclamado internacionalmente, em suas origens o samba também foi alvo de discriminação racial por ter suas raízes ligadas à cultura afrodescendente, o que se coaduna também às questões econômica e linguística. Ambos, o funk e o samba, possuem linguagens próprias, não cabendo críticas quanto as construções sintática e morfológica ou vocabular de suas letras, justamente por refletirem culturas particulares, que existem e que por isso não podem ou devem ser mascaradas.

Para Beltrão, cada ambiente na Folkcomunicação gera seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe. Pois “... cada agente-comunicador emprega o canal que tem à mão e melhor sabe operar de modo a que seu público veja refletidos na mensagem seu modo de vida, suas necessidades e aspirações...” (BELTRÃO, 2001 *apud* RIO DE JANEIRO, 2007, p.46).

Ao falar para uma audiência específica, esses gêneros utilizam a música para informar, criticar e, além de outras funções, legitimar ideias que têm do mundo e de si mesmos, de modo que se absolvidas pela sociedade, os levam a ascender à classe privilegiada, potencializando o alcance de sua voz.

A Folkcomunicação, quando se propõe a analisar os grupos marginalizados, rompe paradigmas ao deslocar o eixo de estudos para as classes mais baixas, atentando para suas contribuições nos estudos de Comunicação.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014;

BRASIL247. Música de rapper ironiza Pimenta da Veiga. 2014. **Sítio**: brasil247. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/minas247/152163/M%C3%BAsica-de-rapper-ironiza-Pimenta-da-Veiga.htm>>. Acesso: 07/2016;

CORNIANI, Fabio Rodrigues. Rap: Manifestação popular urbana. **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA** – 1 a 5 Set 2002;

CORNIANI, Fabio. Afinal, o que é Folkcomunicação. **São Bernardo do Campo: Sítio da Universidade Metodista de São Paulo**, 2005;

FLAVIO RENEGADO VEVO. Coisas Desse Tipo. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m-L_jI-QiIE>. Acesso: 07/2014;

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Márcio Seligmann-Silva. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013;



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

G1. Portal G1 da Globo.com. **Bispo encerra greve de fome contra transposição.** 2007. Sítio: g1.com. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL235364-5601,00-BISPO+ENCERRA+GREVE+DE+FOME+CONTRA+TRANSPOSICAO.html>. Acesso: 07/2016;

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. – 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2006;

RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Folkcomunicação – a mídia dos excluídos.** Rio de Janeiro: Cadernos da Comunicação v. 17, 2007;

SANTOS, Aparecida Ribeiro dos; MENDOZA, Babette Almeida Prado; ELIAS, José. O Rap reinterpretando na Rima o dia a dia da Comunidade. **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG** – 2 a 6 Set 2003;

SILVA, André Luiz; SILVA, Priscila Maíla. Folkcomunicação: o discurso da cultura popular nordestina através da poesia oral dos repentistas. **Revista Temática.** Ano VII, n. 10 – Outubro/2011;

SILVA, Damaris et al. Folkcomunicação e Hip Hop: A Difusão da Cultura Marginal. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 5, n. 2, 2013.

THADEU FILMANGENS. A Voz da Transposição - Valdir Teles. 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SrYSU3Mv5dc>>. Acesso em: 07/2016.